

Mundo digital pode “matar ou salvar a democracia”

FEUC Na abertura do ano letivo, Poiares Maduro falou de riscos e vantagens da transição digital para a democracia



Conferência na FEUC contou com Álvaro Garrido, Miguel Poiares Maduro e Amílcar Falcão

Convidado para proferir a conferência de abertura do ano letivo na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), Miguel Poiares Maduro falou de “Democracia num mundo digital”, deixando no ar a ideia de que alguma coisa tem de ser feita para minimizar riscos e aproveitar vantagens.

A revolução digital «coloca problemas e desafios de cidadania», diria o diretor da FEUC, Álvaro Garrido, afirmação que Poiares Maduro reforçou, ao apontar impactos na democracia. Antes, em forma de contextualização, assinalou o crescimento da insatisfação e, a par, o crescimento de forças populistas e iliberais, o que afeta os meios tradicionais de mediação democrática que conduziam a decisões reconhecidas como legítimas por toda a sociedade. Logo, à paz social.

Também está em crise a correlação entre os índices de desenvolvimento económico-social e os regimes democráticos, observou o professor de Direito da Universidade Católica. Portanto, há uma crise em «pilares» da democracia, quando os cidadãos não se sentem representados e a insatisfação é crescente.

Para o antigo ministro, «o fator mais estruturante» para a

crise da democracia reside na transformação digital da sociedade em três dimensões. Desde logo no espaço, com a globalização, que permite, por exemplo, comparações, para o bem e para o mal, entre políticas nacionais e supranacionais. Também no tempo, modificação já em curso com a redução da duração dos ciclos políticos e, finalmente, na alteração do modo de funcionamento da política nas vertentes cognitiva, epistémica e deliberativa.

Disseminação de boa e má informação

A «transição digital altera estas dimensões» e o padrão de relacionamento com mundo, «acentua as dimensões irracionais», mas também pode acentuar as dimensões racionais. Com as plataformas digitais a serem, cada vez mais, «o nosso espaço público», de informação, discussão e formação de preferências políticas, a Inteligência Artificial, antecipou, vai reduzir o espaço político, porque haverá decisões que lhe serão delegadas, sem o envolvimento de debate, sem a discussão para alcançar decisões coletivas. O que levanta a questão do que deve, ou não, ser delegado na Inteligência Artificial.

Está tudo muito mais acele-

rado e há uma profunda alteração na escala de disseminação de informação, «boa e má», controlada por algoritmos. E hoje, alertou, «é muito fácil que informação falsa ganhe credibilidade digital», mormente com o número de partilhas a funcionar com garantia de credibilidade. Também é fácil a manipulação de conteúdos, a veiculação de determinada informação para públicos específicos ou a promoção da irracionalidade.

Neste quadro, e depois de sublinhar que a transição digital afeta os mediadores tradicionais da democracia - partidos políticos, sindicatos e jornalismo - e que «acentua a perda de confiança» e o crescente desalinamento entre representantes e representados, Poiares Maduro disse que a Inteligência Artificial «pode matar a democracia, mas também a pode salvar».

«Se vai ser uma coisa ou outra» vai depender do que se decidir para a «democracia no mundo digital», argumentou, ao apontar a Constituição como o instrumento certo. «Precisamos de um constitucionalismo para a democracia no espaço digital», defendeu.

A conferência foi encerrada pelo reitor da Universidade, Amílcar Falcão.◀

05-10-2023

Mundo digital pode “matar ou salvar a democracia”

Piões Maduro | P8